

## Caso Donizetti Adalto: um estudo sobre a memória jornalística <sup>1</sup>

Cíntia da Silva FRANÇA<sup>2</sup>

Maria Nilza de Carvalho Pinto AMÉRICO<sup>3</sup>

Jaqueline da Silva Torres CARDOSO<sup>4</sup>

Universidade de Estadual do Piauí – UESPI, Picos, PI

### RESUMO

O presente artigo visa analisar como os Jornais Meio Norte e O Dia produziram sentido acerca do caso Donizetti Adalto, ocorrido no dia 19 de setembro de 1998. Nesta pesquisa, recorreremos uma amostra de 139 matérias publicadas no período de 20 a 31 de setembro de 1998. Como é um trabalho de aproximação com o objeto de estudo, buscamos na Análise de Conteúdo identificar como os jornais construíram as imagens de Donizetti Adalto e Djalma Filho através da memória jornalística. Como embasamento teórico recorreremos ao conceito de jornalismo como construtor social da realidade, a apropriação das fontes jornalísticas no processo de construção da notícia e a constituição da memória através da mídia. Podemos concluir que os jornais não tiveram o mesmo posicionamento em relação à construção da memória dos dois personagens principais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção Social; Memória; Fontes; Donizetti Adalto.

### INTRODUÇÃO

O jornalismo tem como principal finalidade a informação. Ele é caracterizado como um construtor social da realidade, uma vez que fornece todas as notícias à sociedade de forma “clara e objetiva”, fazendo com que os fatos se tornem surpreendentes e conhecidos nacional e mundialmente. Para construir uma notícia, é preciso uma das essências fundamentais: a fonte. O acontecimento só vira notícia quando a fonte aparece e relata tudo o que sabe sobre o determinado assunto. A fonte de notícia participa de forma direta e indireta na produção dos programas jornalísticos.

O jornalismo por conter inúmeras notícias sobre todos os principais fatos cumpre não só o papel de construtor social da realidade, mas também detém a função de guardião da memória. Ele faz parte da história por arquivar o que se tornou público por determinado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com Hab. em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI-PI, email: [cintia\\_franca20@outlook.com](mailto:cintia_franca20@outlook.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com Hab. em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI-PI, email: [mariaactrice@hotmail.com](mailto:mariaactrice@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social UESPI - PI, email: [torres.jaqueline@yahoo.com.br](mailto:torres.jaqueline@yahoo.com.br)

tempo e depois por algum motivo tornou-se silenciado e esquecido. Nessa perspectiva, a mídia promove a memória através da rememoração dos casos ocorridos na sociedade, pois sempre que surge um fato novo em relação ao episódio ou na comemoração do aniversário, nesta ocasião, relembra ano após ano:

A rememoração realizada pela mídia sobre os episódios de maior relevância ocorridos são feitos com a finalidade de tornar vivo por determinado tempo na memória do telespectador assuntos que facilmente seriam esquecidos ou silenciados pela sociedade, para isso são necessárias ferramentas jornalísticas. (LOPES, 2007, p.03).

Um desses fatos ocorridos de grande relevância na sociedade aconteceu em 19 de setembro de 1998 no capital do Piauí, ocasionando uma enorme repercussão na comunidade piauiense e na mídia local. O episódio trata-se do assassinato do jornalista Donizetti Adalto dos Santos, que fazia parte do grupo Meio Norte comandando o programa popular "MN 40 Graus". Na época o jornalista concorria às eleições de 1998 sendo candidato a deputado federal. Sua morte ocorreu a quinze dias das eleições. De acordo com a polícia, o mandante do crime foi o amigo de Donizetti e companheiro de chapa, Djalma Filho, que via nas pesquisas forte indícios de não ser eleito, por conta disso, planejou a morte de Donizetti Adalto para que, com a comoção popular, alcançasse o objetivo de ser eleito através do apelo emocional do povo.

Com base nas informações explanadas sobre a importância dos veículos midiáticos, este artigo visa analisar através da narração jornalística a construção do caso Donizetti Adalto no mês que ocorreu o seu assassinato, comparando os jornais e respondendo ainda as seguintes questões norteadoras: como os jornais construíram a imagem de Djalma Filho e Donizetti Adalto? E como o caso foi construído durante esse período tendo em vista que a mídia é um mediador da memória social?

A pesquisa aqui proposta tem, na análise de conteúdo (BARDIN, 1979), as ferramentas metodológicas necessárias à investigação de como os Jornais Meio Norte e O Dia construíram sentido através da construção da imagem de Djalma Filho e Donizetti Adalto acerca do caso Donizetti Adalto, ocorrido no dia 19 de setembro de 1998.

A pesquisa analisará os jornais impressos: Meio Norte e O Dia entre os dias 20 a 31 de setembro de 1998, período este que compreende nos 11 dias após o assassinado do jornalista Donizetti Adalto.

## **O JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO REAL**

A sociedade vive na busca constante por notícias dos fatos ocorridos na atualidade para suprir sua necessidade diária de informações. Para isso, os meios de comunicação executam com precisão essa finalidade através das notícias publicadas em jornais impresso, na TV, no rádio ou na internet. Todos os acontecimentos são minuciosamente analisados a partir dos critérios do jornalismo para identificar se podem ou não virar notícia e ser entendido por cada telespectador. Assim sendo, o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto. Para sua significação depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível. (CHARAUDEAU, 2007, p. 95).

A mídia por sua vez cumpre o papel de trazer esses fatos selecionados jornalisticamente ao público por meio das teorias do agendamento, do enquadramento e da seleção. A teoria do agendamento pauta os assuntos que a sociedade irá debater de acordo com as informações noticiadas nos veículos comunicativos. Já a teoria do enquadramento visa principalmente na forma como a mídia seleciona e transmite as informações, se as notícias são veiculadas imparcialmente e de maneira objetiva. E a teoria da seleção age escolhendo as notícias como uma espécie de filtro que determina o que será importante para o jornal ou não, desta forma o jornalismo vai construindo claramente a realidade.

As notícias, por sua vez passam a ser a principal fonte de construção do real, visto que o leitor a recebe, após serem selecionadas, ordenadas e devidamente nomeadas. O jornalismo veicula ao público as notícias levando em consideração a atualidade, a sociedade e imprevisibilidade como afirma Charaudeau (2007, p. 101): “sendo a finalidade da informação midiática a de relatar o que ocorre no espaço público, o acontecimento será selecionado e construído em função de seu potencial de atualidade, de sociedade e de imprevisibilidade”.

Por meio do discurso jornalístico, a imprensa faz-se presente na construção social da realidade. De uma forma ou de outra os jornalistas estão presentes apurando todos os acontecimentos nas ruas, nos órgãos públicos e privados, não apenas dentro das redações aguardando a notícias. Eles vão à busca, selecionam e tornam os fatos em notícia obedecendo ao fazer jornalístico dentro dos valores notícia.

## AS FONTES (COMO) PRODUTORAS DE NOTÍCIAS

“Fonte” na mitologia romana é o deus das nascentes, filho do deus Jano e da ninfa das águas e mananciais Juturna. Na etimologia da palavra em latim, “fonte significa nascente de água” que se refere aquilo que origina ou produz alguma coisa, sendo empregada de várias formas na linguagem como: fonte de energia, fonte de luminosa, fonte térmica e fonte de notícia a qual se usa no jornalismo.

O jornalismo utiliza-se da fonte de notícias, ou seja, das pessoas que fornecem pautas e/ou informações para produção dos jornais, que são entrevistadas em programas jornalísticos, e ainda podem ser de acordo com Schmitz:

organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p. 09).

A fonte também pode ser produtoras de notícia, visto que sem ela não haveriam informações. Aliás, são as fontes que detêm as informações, testemunham os fatos e provocam acontecimentos na sociedade, os quais se tornam produtos jornalísticos. Há entre o jornalista e a fonte, uma relação de interdependência, na qual um necessita do outro para a construção da notícia, isto é, a fonte produz os fatos e o jornalista os avalia, seleciona e adapta, de acordo com os critérios do veículo, para torná-los noticiáveis. As fontes levam as informações aos jornalistas e, ainda “têm o poder e a capacidade de criar acontecimentos públicos adaptados à noticiabilidade”. (SCHMITZ, 2011, p.12).

Diversos autores classificam os tipos de fontes, porém, neste trabalho será utilizada, para fim de análise, a matriz de classificação de fontes feitas por Schmitz (2011). Que separa por categoria, grupo, ação, crédito e qualificação. Categorias - primária e secundária. Grupo - oficial, popular, notável, testemunhal, especializada. Ação – proativa, ativa, passiva e reativa. Quanto ao crédito - identificada ou anônima. E a qualificação - confiável, fidedigna e duvidosa.

## MÍDIA E MEMÓRIA

O que se tem internalizado, de acordo com o senso comum e empírico, é que a memória é a capacidade de evocar o passado, através de fatos vividos direta ou indiretamente. As lembranças do tempo de infância, as histórias vividas ou que se escutava e que em parte ou quase ao todo pode ser revividas ao longo da vida. Entretanto estas reminiscências recebem influências do meio social. A memória individual está intrinsecamente ligada à memória coletiva. E, para melhor compreensão da memória individual e coletiva faz-se necessário recorrer a algumas colocações de Halbwachs.

Para o autor, a memória é sempre construída em grupo, mas também com a participação do sujeito. Quando ele trata da memória coletiva, considera o caráter psicológico, ou seja, a faculdade de armazenamento. Uma pessoa tem que atuar ou presenciar um fato, para que possa guardá-lo e relatá-lo. Na concepção halbwachiana a memória tem uma natureza coletiva, visto que as lembranças não são individualizadas elas se apoiam no testemunho do outro, o qual reforça, “complementa e torna mais exato o trabalho da memória” (SCHMIDT e MAHFOUND, 1993, p. 290). O autor fala do confronto de testemunho que se dá em dois níveis. O primeiro seria o confronto que o indivíduo tem consigo mesmo, com seu ponto de vista atual com experiências vividas no passado ou ainda com “as opiniões formadas anteriormente com apoio no depoimento de outros” (SCHMIDT e MAHFOUND, 1993, p. 290).

Ainda, segundo Halbwachs a memória ultrapassa o plano individual, ou seja, as lembranças do indivíduo não são apenas suas, elas nunca existem apartadas da sociedade. Os grupos sociais interferem na construção da memória e “determinam o que é memorável e onde esta memória vai ser preservada”. Entretanto para que o indivíduo recorde de uma lembrança de um grupo necessariamente tem que haver identificação com ela, pois conforme o mesmo autor, não basta somente o testemunho do grupo, mas também que a memória do sujeito “se aproveite da memória dos outros”. E, principalmente que haja concordância, isto é “que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.” (HALBWACHS, 2006 apud LEAL, 2012, p. 1).

Neste sentido a construção da memória individual sofre influências dos grupos sociais do qual participa, seja familiar, religioso ou político. Que podemos compreender é que o sujeito participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva, isto é, parte de

sua individualidade com suas lembranças pessoais para completar com as lembranças comuns ao grupo do qual ele faz parte.

Assim como a memória individual está atrelada à coletiva sob a ótica de Pollak, quando fala dos elementos constitutivos da memória, entende-se também que existem os acontecimentos vividos pessoalmente e os vividos por tabela, ou seja, apesar do sujeito não ter participado de um determinado fato, mas sim pelo grupo ou coletividade ao qual ele se sente pertencer. Alguns fatos de grande relevância, no qual a personagem não estava inserida, mas devido tamanha importância este pode até gerar certa confusão porque no “imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 2).

O autor afirma que os acontecimentos vividos por tabela se junta a “todos os eventos que estão fora do espaço-tempo da pessoa ou grupo”. O que ele denomina de um fenômeno de memória herdada que chega à pessoa ou grupo por meio de “socialização política ou socialização histórica” (POLLAK, 1992, p. 2). Compreende-se, a partir de suas assertivas que, uma pessoa ou grupo poderia remeter-se a acontecimentos que se deu em um espaço e tempo o qual ela não vivenciou, mas pela grande proporção que se tomou, e talvez pela repercussão nas pessoas, nos relatos históricos, ou na mídia, ela poderia sentir-se participante e guardá-lo como vivido pessoalmente.

Para entender como as lembranças seriam rememoradas no decorrer do espaço-tempo, nas diferentes circunstâncias, Schmidt e Mahfound (1993) afirmam que há a necessidade de manter o elo com o grupo para que a memória seja preservada. Seguindo o seu pensamento, acredita-se que a não permanência do grupo faria com que as lembranças fossem dissipadas. Portanto, há que manter os “quadros sociais” que ajudariam a manter estes fatos vivos. A continuidade destes quadros reforçaria a memória coletiva e colaboraria no fortalecimento ou enfraquecimento do fato, como uma espécie de seleção do que deveria esquecer e do que manteria.

De acordo com Leal (2012, p. 6), geralmente se destaca “aquilo que foi vivido por um maior número de pessoas e que resulta de experiências coletivas” e o que foi vivido por menor número fica relegado ao segundo plano. E somente em circunstância específicas é que seriam lembrados. Como é o caso da morte de uma pessoa, que será lembrado a cada vez que completar ano do ocorrido, ou por ocasião do aniversário de nascimento da pessoa. Estas podem ser revividas somente por familiares ou pessoas bem próxima que

viveram pessoalmente ou por tabela, por se tratar de alguém que tenha algum ponto de intersecção de laços de amizade. Ou ainda por meio de reencontros, pois,

Mesmo que a lembrança corresponda a um acontecimento distante no tempo, o contato com as pessoas que também viveram aquelas situações, ou com os lugares em que elas aconteceram permite a rememoração daqueles fatos, numa relação entre memória individual e memória coletiva. (LEAL, 2012, p.06)

Assim acontece na mídia, em que o fato que ocorre com uma determinada pessoa ou grupo, entretanto tal é a sua repercussão que muitas pessoas se sentem participantes. Como é o caso de Donizetti Adalto, que a mídia anualmente, por ocasião do aniversário da morte, traz novamente à tona, fazendo com que até mesmo as pessoas que não participaram direta ou indiretamente, ou mesmo não souberam do fato com esta rememoração se torna familiar. Outros, que já não guardam tantos detalhes, têm estes revividos através da memória do outro. O que provoca uma mescla entre memória individual e coletiva.

## **ANÁLISE DO CASO DONIZETTI ADALTO NOS JORNAIS MEIO NORTE E O DIA**

A pesquisa aqui proposta tem, na análise de conteúdo (BARDIN, 1979), as ferramentas metodológicas necessárias à investigação de como os Jornais Meio Norte e O Dia construíram sentido através da construção da imagem de Djalma Filho e Donizetti Adalto acerca do caso do assassinato do jornalista, ocorrido no dia 19 de setembro de 1998. Para Bardin (1979) a análise de conteúdo organiza-se em torno de três etapas compreendidas em: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A pré-análise consiste na organização e sistematização das ideias iniciais.

Na pré-análise, e durante a “leitura flutuante” (BARDIN, 1979), encontramos uma amostra de 139 matérias sendo 94 matérias publicadas em 11 dias no jornal Meio Norte e 45 publicadas no jornal O Dia, compreendidas entre o período de 20 a 31 de setembro de 1998. Para atender o objetivo proposto, buscamos mapear as vozes e identificar os sentidos produzidos por meio das imagens dos personagens do caso. Para isto, buscamos a categorização dos dados para identificar o posicionamento dos jornais na construção da memória individual e coletiva quando retrataram em suas páginas os personagens Donizetti Adalto e Djalma Filho.

A quantidade de matérias diárias do Jornal Meio Norte variaram entre 8 a 10 publicações, vale ressaltar que o jornalista assassinado fazia parte do grupo Meio Norte. Sendo que das 94 matérias, 12 não foram possíveis de ser analisadas, uma vez que a categorização desse material ocorreu no Arquivo Público de Teresina, onde não é permitido xérox, apenas fotografias. E as imagens dessas matérias comprometeu a leitura das mesmas. No jornal O Dia foram publicadas 45 matérias, uma média de 1 a 4 matérias por dia.

Em relação à quantidade de fontes ouvidas nas matérias durante os 11 dias, verificamos que das 94 matérias publicadas, o impresso Meio Norte recorreu, nesse período a 271 fontes. As mais citadas somam 257 (equivalente a 94,83%), e foram elas: Acusados do crime (102 vezes); Djalma Filho, apontado como mandate do crime (71 vezes); Polícia Civil (25 vezes); Polícia Federal (24 vezes); Carlos Morais, amigo de Donizetti (9 vezes); governador Mão Santa, populares e Promotor da Vara Criminal (7 vezes cada um) e Promotor de Justiça (5 vezes).

Os 5,16% restantes (totalizando 14 fontes) foram as seguintes: Polícia Militar e Parentes de Donizetti (3 vezes cada um); Políticos e Presidente da Câmara Municipal de Teresina, (2 vezes cada um); Advogado de defesa, repórter do Paraná, casal de namorados (Aurilene e Marcos) e Tatiana Brasil (1 vez cada um). Pode se perceber que o Jornal Meio Norte publicou sua primeira matéria sobre a morte do jornalista no dia 21/09 onde recorreu às polícias Civil e Federal, ao Promotor da Vara Criminal e ao Promotor de Justiça como fontes oficiais para poder noticiar com propriedade a matéria apontando o vereador Djalma Filho como um dos suspeitos do assassinato, sendo esta notícia a manchete trouxe a foto do ginásio Verdão onde aconteceu o velório e destacou o vereador Djalma Filho ao lado do caixão de Donizetti.

De acordo com a classificação de Schmitz (2011), podemos verificar que o Jornal Meio Norte recorreu às fontes primárias e secundárias, oficiais, populares, notáveis, especializadas e testemunhais de ação proativa, identificadas, confiáveis e fidedignas.

Das 45 matérias publicadas, o impresso O Dia recorreu, nesse período a 44 fontes. As fontes mais citadas foram: Polícia Federal (9 vezes); Djalma Filho e advogados dos acusados (5 vezes cada um); Polícia Civil e Brito Filho – testemunha (4 vezes cada um); acusados, representantes do PPS (3 vezes cada um); Carlos Morais, representantes dos Direitos Humanos e Juiz Manoel (2 vezes cada um). Na categoria diversos, foram enquadradas as fontes que o jornal recorreu apenas 1 vez cada, foram elas: o Governador



Mão Santa, Delegado Pedro (pai de um acusado), Tranvanvan Feitosa (Procurador Eleitoral) e a fã Zulmira.

Para destacar a importância atribuída as fontes, identificamos que os jornais utilizaram-se totalmente das fontes oficiais para noticiarem nas matérias com propriedade que o companheiro de chapa de Donizetti, o então candidato a deputado federal Djalma Filho era um dos suspeitos do assassinato. De acordo com a classificação de Schmitz (2011), podemos verificar que o Jornal O Dia se utilizou de fontes primárias e secundárias, oficiais, especializadas, popular, notáveis e testemunhais de ação proativa, passiva, identificadas, confiáveis e fidedignas.

Observamos que as primeiras matérias publicadas sobre o caso, tanto no jornal Meio Norte quanto no jornal O Dia, aconteceu no dia 21/09/1998. O jornal Meio Norte publicou 15 matérias naquele dia sobre o caso, dentre elas analisamos três: a primeira trazia a manchete com título: “Assassinato de Donizetti”, com uma foto do Ginásio Verdão onde aconteceu o velório e outra foto destacando o suspeito do assassinato Djalma Filho ao lado caixão de Donizetti. A matéria relata como ocorreu o fato com riqueza de detalhes recorrendo sempre às fontes oficiais para deixar claro que Djalma Filho era o principal suspeito do assassinato. A segunda afirma que Donizetti partiu deixando saudades, nessa matéria os fãs do jornalista o enaltecem destacando que ele era verdadeiro e autêntico, afirmam ainda que sua morte foi “uma traição pior que a de Cristo” (JORNAL MEIO NORTE, 1998, p. 6) e a terceira matéria publicada foi uma entrevista com Djalma Filho defendendo-se das acusações que sobre ele pesavam. O jornal o trata como o principal suspeito do assassinato. Djalma Filho redime-se das acusações e afirma que foi vítima da máfia, durante toda a entrevista ele menciona ter sido vítima da máfia:

Quem se dispõe a enfrentar a máfia, está também sujeito a ser vítima dela. Donizetti é a primeira vítima da máfia. A máfia que não é um jogo de palavras, mas estes poderosos que comandam e mandam no Piauí a tanto tempo...A máfia trabalha de um jeito tão eficiente que quer matar um e deixar o sobrevivente como culpado e acusado. (JORNAL MEIO NORTE, 20/09/1998, p. 6)

O jornal O Dia no primeiro dia estampou cinco matérias. Uma entrevista de página inteira com foto de Djalma Filho, o enterro de Donizetti e um texto: “Quem matou Donizetti?” Poema com estrofes em sextilha com versos setessílabos (Os versos e estrofes não havia regularidade quanto à rima e à métrica).

No primeiro dia, a matéria do enterro estampava fotos com ângulos favoráveis, no sentido mostrar aglomeração de pessoas, e do caixão no carro de bombeiros guardados por

policiais da corporação e da Polícia Militar. E frases como esta, de início da matéria: “uma multidão acompanhou o enterro”. Segundo parágrafo inicia com: “milhares de pessoas acompanharam o cortejo até o cemitério [...]” (JORNAL O DIA, 21/09/1998, p. 4). Uma forma de apontar que ele era conhecido ou admirado por muitos e ainda enfatizou que muitas destas pessoas pretendiam votar em seu número no dia da eleição. Já o poema, numa página inteira traz no meio uma foto da vítima, elegantemente vestido e com sua pompa habitual.

O poema também fala de sua maneira de ser. Trata com adjetivos antagônicos: anjo, demônio, peitado, abelhudo, herói, polêmico, sarcástico, blasfemador, guerreiro, embusteiro, ostentador, empáfias. Como se trata de um gênero no qual o autor tem liberdade de brincar com as palavras e por ali traduzir de certa maneira a personalidade do jornalista, não dá para perceber se há intenção de denegrir a imagem do personagem.

Entretanto o poeta, ao narrar o ocorrido na segunda estrofe utilizou o nome do suspeito no diminutivo, como é conhecido entre os mais próximos. Ao fazê-lo modificou a métrica. E/le/ vi/nha/ com/ De/jal/mi/nha 8 sílabas. Porém se tivesse usado Djalma ficaria em sete sílabas. E/le/vi/nha/com/De/jal/ma. Ele vinha com Djalminha/ companheiro de partido. O que dá margem para interpretar que o jornal queria criar uma boa imagem do suspeito, ao utilizar no diminutivo, uma forma carinhosa e também ao referir com o adjetivo “companheiro”. Um companheiro não trai, não mata.

Esta suavização está mais clara na entrevista com o suspeito. A começar pela apresentação do entrevistado em que o jornalista emite opinião sobre a situação emocional do entrevistado e, ainda reforça sua fragilidade e carência ao colocar a figura materna protegendo-o:

Ainda muito abalado com o assassinato do jornalista Donizetti Adalto, e como os rumos que o caso está tomando, o vereador Djalma Filho concedeu entrevista exclusiva à nossa reportagem. Sempre acompanhado pela mãe, Conceição Tapety, Djalma passou- trecho ilegível- recebendo apenas a visita de familiares e amigos que foram até lá prestar solidariedade a ele, além de uns poucos jornalistas. Trecho ilegível- muito cansaço, ele falou dos momentos difíceis que vem passando, acrescentando que está sendo vítima de uma trama diabólica para –trecho ilegível- lo e livrar os verdadeiros culpados. Ele ressalta que ficou intrigado com o fato de o jornalista Carlos Morais- amigo de Donizetti- trecho ilegível- os arquivos deste para outras pessoas. (JORNAL O DIA, 21/09/1998, p.10).

Neste trecho também se pode observar, que não mencionou a suspeição que fora apontada na capa do periódico. Onde havia ao lado da foto principal chamadas de matérias internas categorizadas (desabafo, investigação e suspeito). Entretanto foi resumido basicamente numa entrevista pessoal, na qual não menciona a investigação policial e a suspeita que recaía sobre o personagem. Uma matéria anterior à entrevista trouxe resultados da investigação, o qual apontava Djalma Filho como cúmplice do crime. Um cabo eleitoral e o motorista do escritório, dos dois personagens principais, testemunharam e confessaram o crime. Esta notícia foi apresentada no lide da matéria. Mas em seguida, numa entrevista exclusiva, jornal dá espaço para o suspeito falar e se defender.

Outro fato que chama a atenção, em relação à mãe do suspeito é o nome pomposo da mãe. Conceição Tapety, irmã de Juarez Tapety, o então secretário de segurança do estado. O que se configura como uma importância do entrevistado. Ele também foi apresentado como carente (ao lado da mãe) “abalado”, recebendo o apoio dos amigos (ou seja, ele era um bom amigo, não um traidor como aponta o Meio Norte).

Ainda sobre a posição social da mãe, Wolf (1999) citando Gans (1980), diz que as fontes que detém o poder econômico ou político, podem ter mais facilidade de acesso aos jornalistas. Ao tempo que mostra Djalma tipificado como uma fonte popular as quais geralmente surgem como vítimas ou reivindicador de seus direitos, ou seja, um injustiçado, e esta “figura da vítima é carregada de noticiabilidade, pois o público se interessa pelo sofredor, injustiçado ou pela desgraça do destino”. (CHARAUDEAU, 2009 apud SCHMITZ, 2011, p.26). Apresenta a mãe como uma espécie de “fonte notável” como uma personalidade conhecida socialmente. Seria uma das justificativas de os jornalistas adotarem fontes “institucionais de autoridade” por presunção a que sejam mais credíveis. (GANS, 1980 apud WOLF, 1994, p. 223).

Podemos analisar no jornal Meio Norte que no dia 23/09/1998 das 14 matérias publicadas a que mais chamou a atenção foi: “Barreira policial para evitar fuga de Djalma”, a matéria trata do esquema de vigilância montado pelas Polícias Federal e Civil no Aeroporto de Teresina e nas principais rodovias do Piauí. O jornal destaca que o motivo do esquema foram as denúncias anônimas realizada a Polícia Federal que Djalma Filho estava de viagem marcada para o exterior, a família negou viagem do vereador. A sociedade ficou surpresa com o envolvimento de Djalma no crime, o impresso enfatiza como a comunidade dos advogados e acadêmicos reagiram: “totalmente chocados, uma vez que Djalma era

considerado um menino popular, com Mestrado em Direito e Professor de Direito Penal na Universidade Federal do Piauí” (JORNAL MEIO NORTE, 23/09/1998, p.5).

No mesmo dia, foi publicado, entre as matérias do jornal O Dia, um título: “Provas já acumuladas pela PF já apontam Djalma como mandante”. Nesta matéria o lide traz a informação de que a Polícia Federal concluiu que Djalma “mandou matar e ajudou a executar” a vítima (JORNAL O DIA, 23/09/1998, p.5). Fornece algumas informações sobre o caso e a investigação e conclui o texto com a reafirmação de que o Secretario de Justiça é tio do acusado e mesmo com a sugestão do sindicato da policia de ele se afastasse, o secretário preferiu continuar.

O jornal Meio Norte continuou cobrindo o caso Donizetti Adalto e publicando várias matérias por dia. No dia 24/09/1998 por meio do depoimento de Brito Filho, a Polícia Federal concluiu a responsabilidade (autor do crime) de Djalma Filho e afirmou pedir sua prisão. Nota-se também que nas publicações do dia 26/09/1998, as matérias que estamparam o impresso foram o valor do crime que custou R\$: 30 mil reais e a frieza dos acusados deixou o Presidente dos Direitos Humanos da OAB impressionado. “Estou impressionado com a frieza com que estas pessoas presas agiram. Elas seguiram o trajeto dos últimos instantes de vida do Donizetti; tudo planejado, a frieza” afirmou Décio Solano. (JORNAL MEIO NORTE, 26/09/1998, p.7).

Podemos observar ainda que no impresso Meio Norte dentre as matérias publicadas estavam artigos de opinião de jornalistas do grupo Meio Norte, de professores universitários como também de acadêmicos de jornalismo da cidade de Natal no Rio Grande do Norte.

Na segunda feira 28/09/1998, jornal O Dia, trouxe o título: “Prisão preventiva está sendo questionada”. A jornalista inicia o texto de maneira opinativa, no primeiro parágrafo em nenhum momento ele utilizou dos verbos “dicendi”. Somente a partir do segundo parágrafo que o jornalista buscou amparo das fontes:

A prisão do vereador Djalma Filho, decretada no sábado, a pedido do procurador da República Travavvan Feitosa e assinada pelo juiz federal Carlos Brandão, trouxe uma dúvida sobre o aspecto jurídico, relacionada a sua legalidade e em que a Justiça Federal se baseara para decretá-la. O vereador ainda é candidato ao cargo de deputado estadual e, de acordo com a lei eleitoral, um candidato só poderia ser preso 48 depois do dia das eleições. Então, mesmo sendo expulso do PPS, Djalma Filho não teve seu registro cassado, por isso ainda goza da imunidade a prisão, como determina a lei eleitoral.

Segundo o advogado criminalista Ezequiel Miranda, a prisão do vereador pode ter sido uma medida cautelar [...].(JORNAL O DIA, 28/09/1998, p.6)

Título e subtítulo de uma matéria do dia 28/09/1998, fora os seguintes: “Prisão de Djalma causa surpresa - população teresinense foi surpreendida ontem com o anúncio da prisão do vereador”. O questionável neste título é a surpresa afirmada e reafirmada no título e subtítulo, visto que na sábado dia 26/09/1998 duas matérias foram veiculadas com os seguintes títulos: “Procuradoria pede prisão de envolvidos” e “Delegado Robert Magalhães defende prisão para Djalma” (JORNAL O DIA, 26/09/1998, p.1). Ainda observando os vocábulos do título das matérias de sábado, a primeira o procurador pede a prisão de acusados, não retifica quem é o acusado. Já na segunda onde o nome do suspeito a mandante do crime é citado, foi também utilizado um verbo de defesa: delegado defende.

Diferente da analisada anteriormente em que o jornalista fala com propriedade do tema 28/09/1998, a matéria supracitada traz opiniões contundentes do delegado acerca do acusado e, talvez por isso, o jornal cedeu mais de dois terços do texto para fala direta do policial. Nesta, o repórter apenas aponta o foco e passa a palavra à fonte, que está classificada como fonte oficial de credibilidade. Isto que nos leva a entender que o jornalista se afasta da responsabilidade do que está sendo noticiado. Baseando-nos em, Gaye Tuchman (1972) citado por Schmitz (2011), que o repórter utiliza-se da estratégia formal, ao aplicar as aspas, para privar-se de opinar, quando se trata de um depoimento conflitante ou provas divergentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após analisarmos os jornais, podemos concluir que o jornal Meio Norte construiu a imagem de Donizetti Adalto como um jornalista combativo, que fala a verdade, polêmico, destemido que tinha como principal bordão: “morro e não vejo tudo”, como de fato acabou acontecendo. Donizetti teve sua vida interrompida jovem, sem o direito de defesa e sem ter o conhecimento de queria o seu mal. Já a imagem de Djalma Filho, é colocada como o principal suspeito, o mandante, o autor e o responsável pelo assassinato do companheiro, o periódico deixa perceber a frieza do vereador negando as acusações mesmo após a Polícia concluir seu envolvimento, destacando ainda as fotos que foram publicadas de Djalma ao lado do caixão do jornalista.

Por outro lado o jornal O Dia tentou mostrar com ponderação as notícias que o acusavam, apesar de utilizar-se de fontes oficiais, confiáveis, até mesmo especializadas, pois em algumas matérias foram apontadas o trabalho de peritos que constaram as provas de como ocorreu o crime. Quando não dava voz ao suspeito para defender-se de alguma maneira suavizava as palavras para noticiar sua participação como mandante do crime. Tendo em vista que o periódico não possui editoria policial e não enfatizam muito as investigações, salvo esta por ter sido um caso de grande repercussão.

Percebemos, ainda, que o jornal Meio Norte construiu a memória de Donizetti Adalto, ao longo desses 11 dias, como vítima de uma traição, barbaramente assassinado. Buscando a sua maneira, trazer para a sociedade a “verdade” e quem foram os culpados do crime a luta contra a impunidade destes. O respectivo jornal segue uma linha mais popular em que traz matérias com tom mais apelativo.

Assim, através da observação e análise dos dois jornais neste período, pudemos entender que o Jornal O Dia deixou, através dos textos e fotografias marcada a memória de Djalma Filho como um suspeito ou apenas um acusado injustamente. Um homem cheio de amigos, de família importante e influente. De alguma maneira o impresso eximiu-se de culpá-lo, antes proporcionou sua defesa. E a imagem de Donizetti Adalto, como o jornalista polêmico, investigativo e admirado por muitos.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012. Disponível em:  
<<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em:  
05/05/2016.

LOPES. Fernanda Lima. **Identidade jornalística e memória**. Mídia e Memória: Mauad X, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e experiência. **Revistas USP**. Psicologia USP, São Paulo, 4 (1/2). São Paulo, 1993. p. 285-298. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/psicousp/article/download/34481/37219](http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/download/34481/37219)>. Acesso em: 10 de mai. 2016.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo** - Florianópolis: Combook, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editoria Presença, 5ª edição. Lisboa, 1994.